

ALADI/CR/Ata 611
(Extraordinária)
26 de julho de 1996
Hora: 16h 15m às 16h 50m

Ordem do dia

O Comitê de Representantes recebe a visita do Excelentíssimo Senhor Vice-Ministro das Relações Exteriores da República da Venezuela, Embaixador Milos Alcalay.

Preside:

JUAN MORENO GOMEZ

Assistem: Gustavo Moreno e Flaviano Gabriel Forte (Argentina), Antonio Céspedes Toro (Bolívia), José Artur Denot Medeiros e Hildebrando Tadeu Nascimento Valadares (Brasil), Augusto Bermúdez Arancibia e Leopoldo Durán Valdes (Chile), Eduardo Cabezas Molina e Humberto Jiménez Torres (Equador), Rogelio Granguillhome, Dora Rodríguez Romero e Alberto Rodríguez (México), Alfredo Núñez (Paraguai), Guillermo del Solar Rojas e Efraín Saavedra Barrera (Peru), Carlos A. Zeballos e José Roberto Muineló (Uruguai), Juan Moreno Gómez, Oscar Fornoza e Ariel Vargas (Venezuela), Ana Ramos de Pijuán (Costa Rica), Li Dong (República Popular da China).

Comitiva: Noel García, Félix Gerardo Arellano e Antonio Rangel.

Secretário-Geral a.i.: Juan Francisco Rojas.

Secretário-Geral Adjunto: Isaac Maidana Quisbert.

PRESIDENTE. Damos início à 611a. sessão, extraordinária, do Comitê de Representantes para receber o Excelentíssimo Senhor Embaixador, Doutor Milos Alcalay, Vice-Chanceler da República da Venezuela.

Falar de meu velho amigo, Doutor Milos Alcalay, seria reviver um acúmulo de coisas extremamente afetivas.

O Doutor Alcalay nos representou, a Venezuela, desde muito jovem, quase no mundo inteiro não só em seus anos de estudante e de aperfeiçoamento de seus diversos mestrados mas, também, como nosso representante na Embaixada da Romênia e na Embaixada de Israel. Acompanhou-nos na formação do Parlamento Andino; representou-nos com o mesmo Parlamento junto à União Européia. Portanto, o número de oportunidades em que o Doutor Milos Alcalay, como representante venezuelano, teve uma presença extraordinária, não só com seu conhecimento erudito e amabilidade, mas também com esse extraordinário "savoir faire" que o caracteriza.

Hoje nos visita o Doutor Alcalay, aceitando o convite que lhe fez seu homólogo, o Vice-Chanceler Carlos Pérez del Castillo, também uma pessoa muito prezada por nós, que viveu muitos anos na Venezuela quando era o Secretário-Geral do SELA.

Uruguaios e venezuelanos estivemos juntos nestes dias para analisar os problemas que nos competem em forma bilateral e nessas reuniões adquirimos conhecimento e uma extraordinária sensibilidade frente aos problemas latino-americanos, concernentes a todos e, muito especialmente, no referente à Associação Latino-Americana de Integração, a qual -e se não é indiscrição de minha parte, porque corresponderia a ele dizer- é necessário, e assim foi considerado, dimensioná-la e projetá-la para a realidade atual do mundo.

Repito, aprofundar mais em uma apresentação do Doutor Alcalay é quase praticamente fazer um resumo já de caráter pessoal e emotivo.

Quero dar as boas-vindas, em nome de todos os senhores, e dar a palavra ao Secretário-Geral, que por coincidência, hoje também é um venezuelano, à frente de nosso Organismo. Os senhores dirão que é uma coisa de hegemonia. Portanto, tem a palavra o Senhor Secretário-Geral a.i.

SECRETARIO-GERAL a.i.(Juan Francisco Rojas). Muito obrigado, Senhor Presidente; falaremos em caribenho, então, e comeremos várias letras.

Senhor Vice-Ministro, Embaixador Milos Alcalay, Senhor Presidente do Comitê de Representantes, Senhores Representantes e demais membros das Representações Permanentes e dos Países e Organismos Observadores, Senhores Membros da Comitativa Oficial, Senhor Secretário-Geral Adjunto, funcionários da Secretaria-Geral, senhoras e senhores, a momentânea ausência do Engenheiro Antonio Antunes, por razões de serviço fora da sede, oferece-me a oportunidade de dar as boas-vindas a esta, nossa Casa, mais do que ao Vice-Chanceler da Venezuela, meu país, a um grande amigo, Milos Alcalay, que ao longo de sua trajetória profissional e pessoal demonstrou sempre seu profundo compromisso com a causa integracionista latino-americana, sustentada por sua extraordinária experiência no mundo europeu.

Senhor Vice-Ministro, visita Vossa Excelência nossa Casa, sua Casa, em um momento muito especial, talvez o mais especial de todos os que vivemos até o presente. Sua visita acontece quando a globalização da economia mundial pode perceber-se dia a dia nos fatos mais cotidianos de nossa existência; quando os onze países convocados nesta mesa para construir sua integração estão inserindo-se na economia mundial, dando cumprimento, dentre suas possibilidades, às regras multilaterais que deram vida à Organização Mundial de Comércio; quando as políticas econômicas que autonomamente convergem entre si, facilitaram-nos a transição para a concretização de acordos que permitiram a proliferação de esquemas integracionistas em nossa região e que agora também vêm com grande expectativa e preocupação as possibilidades certas de sua projeção hemisférica.

Vossa Excelência, portanto, encontra-nos enfrentando essa nova realidade. Originais cenários que, por um lado, convidam-nos à permanente reflexão e análise de seus efeitos sobre a integração, na qual estão empenhados nossos países; por outro lado, a imperiosa necessidade de adequar nossa linhas de ação e procedimentos de trabalho aos requerimentos que a história contemporânea nos impõe. Em síntese, transitando o caminho para a mudança de nossa cultura.

Essa mudança é nosso desafio consuetudinário. Está enfrentando-nos à própria redefinição do conceito de integração. Foi batizado por nossos colegas da CEPAL como "regionalismo aberto". Esse novo conceito é interpretado por nós como a articulação e convergência dos

esforços de integração celebrados pelos países amparados por nossa carta constitutiva, o Tratado de Montevideu 1980 e pelo Acordo de Cartagena, agora expresso corretamente, como a Comunidade Andina. Essa é, precisamente, a articulação e convergência dos acordos, o que constitui, mais cada vez, a razão de ser de nossa Associação.

Mas, ela não se limita ao contorno de nossos países. Essa articulação e convergência regional, devemos vê-la agora à luz da perspectiva hemisférica, a qual leva consigo nossas inter-relações com os países da América Central e do Caribe. Processos simultâneos, não excludentes, multitemáticos, que se constituem em novos desafios e que, também, obrigaram-nos a multiplicar esforços e a potenciar nossa imaginação, com a finalidade de responder adequadamente às exigências que agora nos impõem.

Não obstante, os desafios não só estão insertos no âmbito econômico. Embora devamos reconhecer os importantes avanços que temos alcançado com a implementação das políticas econômicas, agora vigentes em todos nossos países e que permitiram transformar a necessidade de ajustamento em uma grande oportunidade para aprofundar a integração regional, também é hora de fazer um balanço sobre a situação dos povos latino-americanos. Fome, desemprego e marginalidade pareceriam ser, nestes momentos, a opção mais acessível para eles. A integração não pode continuar alheia à problemática cotidiana das grandes maiorias de nossas populações. Pelo contrário, deve servir como ponto de apoio para o desenvolvimento de uma estratégia capaz de compatibilizar o crescimento econômico com o desenvolvimento social. Esse desafio, embora como organismo não nos corresponda assumi-lo diretamente, deve sim inspirar e guiar nossos passos em procura de nossa unidade regional e, ainda, continental.

Senhor Vice-Ministro, querido Milos, como Vossa Excelência terá apreciado, são múltiplos e heterogêneos os desafios que nos está impondo a história. A Associação os assumiu como tal e, particularmente, nossa Secretaria está adaptando-se progressivamente a esta nova realidade que agora enfrentamos. Tenha Vossa Excelência a plena certeza de que ao término de nosso mandato os países-membros contarão com um órgão técnico remozado profissionalmente e modernizado, com a capacidade de dar resposta aos desafios impostos por este, mais do que instável, dinâmico mundo em que vivemos.

Como venezuelano e membro da direção superior da Secretaria-Geral, desejaria fazer uma reflexão sobre os desafios que

nestes momentos enfrenta nosso país no contexto da ALADI. Os processos de negociação em andamento o colocaram no centro das expectativas, é o início da vinculação do sul com o norte sul-americano; portanto, será a ponte articuladora com a América Central e o Caribe.

Para concluir, também como venezuelano, desejaria fazer constar o irrestrito apoio que o Secretário-Geral Antonio Antunes, o Secretário-Geral Adjunto, Isaac Maidana, e quem lhes fala, temos recebido do Governo de meu país para o exercício de nossas funções. A visita a nossa sede do Chanceler Miguel Angel Burelli Rivas, depois a do Presidente Rafael Caldera e, agora, a de Vossa Excelência são atitudes que constituem um orgulho para mim e enaltecem o Governo da Venezuela. Muito obrigado.

PRESIDENTE. Muito obrigado, Senhor Secretário-Geral a.i.

Antes de dar a palavra ao Excelentíssimo Senhor Embaixador Alcalay, Vice-Chanceler da Venezuela, desejaria, mais uma vez, ressaltar seus dotes de sabedoria. Veio, acompanhando Vossa Excelência, o Embaixador Noel García, outro venezuelano que tenho o prazer de apresentar aos senhores, o Diretor das Américas em nossa Chancelaria, ou seja, a pessoa que conhece todo o acontecer de cada um de nossos países.

Milos, animado pela correligião política que nos acompanha, tem a palavra.

VICE-MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA REPUBLICA DA VENEZUELA (Milos Alcalay). Muito obrigado.

Meu querido Presidente e amigo, Senhor Secretário Geral a.i., amigo Embaixador Rojas, Senhor Secretário-Geral Adjunto, Senhores Embaixadores, Senhores Alternos, Senhores Integrantes do Comitê de Representantes, senhoras e senhores, amigos todos, em primeiro lugar, quero agradecer, da maneira mais sincera, as generosas e não merecidas palavras de meu bom amigo, o Embaixador Moreno Gómez, na apresentação desta tarde, na qual evoca os vínculos, em primeiro lugar, de venezuelanidade; em segundo lugar, de afeto compartilhado; e em terceiro lugar, a honra que lhe manifestei de poder compartilhar destes dias com ele com os senhores nesta primeira experiência de um mecanismo bilateral de consultas entre o Uruguai e a Venezuela, mas que tem uma projeção que vai além da bilateralidade.

Por isso, não podia, apesar de visitar a Chancelaria uruguaia e de procurar os caminhos dessas relações entre os dois países, deixar de vir aqui, à sede da ALADI, sem ter este contato com o Comitê de Representantes, ao qual quero expressar minha admiração, meu respeito pelo trabalho tão importante que estão realizando no contexto da reafirmação da integração latino-americana.

Em segundo lugar, agradecer o Embaixador Rojas, não somente pelas afetuosas expressões, mas também pela apresentação lúcida, pelo enfoque da realidade que está vivendo nossa América Latina hoje, e ao mesmo tempo, por ter definido em sua apresentação os desafios, o compromisso de mudança e a necessidade de adaptação de nossas instituições em geral e da ALADI em particular, o desafio que a América Latina hoje nos impõe a todos.

E tudo isso, como assinalava, reflete a lucidez com a qual a direção desta Associação Latino-Americana tem em sua luta por reafirmar os princípios de unidade, de integração e de desenvolvimento.

Assinalava o Embaixador Rojas, e é para mim uma grande satisfação e orgulho, que nesta mesma sala, o Presidente Rafael Caldera foi recebido e pôde esboçar a mensagem de fé na integração, pôde ratificar sua emoção pela realidade que está vivendo nosso Continente e que os senhores, desde a perspectiva de contribuição da reafirmação integracionista e da projeção da unidade latino-americana, realizam dia a dia neste Centro da Integração.

Também a visita do Chanceler Miguel Angel Burelli Rivas, que nessa mesma oportunidade visitou este Centro da Associação Latino-Americana, permitiu criar as condições deste mecanismo de consultas que hoje nos trouxe.

Desejaria expressar a emoção que tenho por estar aqui, neste lugar, no qual muitos dos então jovens integracionistas, que procurávamos definir nossa reafirmação da fé na América Latina, víamos refletida na mensagem de algumas revistas especializadas quando dávamos os primeiros passos, ainda inseguros, para a consolidação da América Latina unida.

Lembro, como jovem estudante, que líamos todas as semanas, com muito entusiasmo, revistas como "The Economist" para a América Latina, quando em suas edições em espanhol se referia com admiração à ALALC.

Efetivamente, nos anos 60 a ALALC albergava as esperanças de uma aliança para um progresso hemisférico, nas quais se via claramente a necessidade, a convergência para uma unidade que transportasse, trasladasse o efeito de uma unidade latino-americana além das fronteiras.

Nesses anos sessenta, aqui mesmo, em Montevidéu, deram-se as bases dessa integração que efetivamente marcou toda uma geração. A integração latino-americana não somente era vista pelos jovens universitários daquele então, crentes na integração, senão também por outros integracionistas da Europa que viam com admiração os processos e os passos dessa América Latina em processo de formação.

Também víamos como o Tratado de Roma e aqueles que como Shuman, De Gasperi, Monnet tinham visto as necessidades de integração se expressavam com admiração sobre o Mercado Comum Centro-Americano ou a ALALC.

Isso, efetivamente, elevava nossa fé nesse processo de integração e víamos como esse impulso nos orientava para criar essa unidade da América Latina.

Não obstante, a história do desenvolvimento não sempre foi tão esclarecedora como nos momentos nos quais vislumbrávamos a unidade da América Latina. Começaram a surgir múltiplas dificuldades; começaram a desmoronar-se esses sonhos de unidade, essa utopia que nos fazia ver com a maior facilidade as bases do sonho de nossa América unida e começaram a fender-se por problemas, às vezes simplificada a exposição, nos quais se queria identificar o problema de um futebol ou da "guerra do futebol"; profundas diferenças como as que tinha o Mercado Comum da América Central.

Daí começou a fender-se também a idéia de uma integração porque via-se com dificuldade como integrar a América Latina, como integrar o enorme continente brasileiro com a pequena Honduras, como integrar a Argentina com a República Dominicana. Ao mesmo tempo, nesse processo de soma de vontades surgiu claramente a idéia da especificidade sub-regional e como reafirmar nas identidades sub-regionais alguns alcances que não eram diferentes do andamento da ALALC, mas complementavam as vias de uma unidade latino-americana na reafirmação de diferenças que eram mais fáceis de criar as bases de um acordo sub-regional andino, criar as bases de uma integração centro-americana, basear na integração da Commonwealth as bases de uma CARICOM que depois se integrasse em uma sucessão de estados do Caribe,

criar as condições e as bases do que hoje é uma realidade admirada no mundo, como é o MERCOSUL.

Nessa reafirmação sub-regional, que parecia que a idéia da unidade latino-americana ia desmoronar-se, vimos em etapas recentes, não somente a consolidação de grandes projetos globais. Na região de onde venho, a Comunidade Andina, atraiu a admiração durante muito tempo, igual do que o Mercado Comum da América Central, do que significava uma integração global que ia além do comércio, da economia, do mercantil e se criaram as bases de um Parlamento Andino, de um Tribunal Andino de Justiça, de um Fundo Andino de Reservas, de uma Cooperação Andina de Fomento junto com convênios de ação social, como o Convênio Hipólito Unanue, o Convênio Andrés Bello, na parte educativa, como convênios na luta contra o narcotráfico, como o Acordo Rodrigo Lara Bonilla e tantos outros que iam consolidando uma Comunidade Andina.

Situações semelhantes foram acontecendo no Continente, no qual a necessidade de reafirmar uma sub-região não estavam isentas à necessidade das múltiplas vocações ou dos círculos concêntricos que a localização geográfica nos trasladava a uns e a outros. E assim, por exemplo, países como a Venezuela, em sua múltipla vocação sentiam essa vocação andina, mas sentiam uma vocação caribenha, pelas imensas costas que nos levaram e nos projetaram a um relacionamento com o Caribe; sentíamos uma vocação amazônica pela dimensão de uma enorme fronteira amazônica, que nos integrava junto com os outros países do Grupo Andino, além de outros sócios adicionais, nessa vocação amazônica; sentíamos, ao mesmo tempo, por um lado, os países diferentes da Venezuela, sua vocação pacífica e, pelo outro, a vocação atlântica que nos permitia buscar as bases de essa unidade concêntrica.

No mesmo sentido, outros países de nosso Continente, como o México, com sua vocação centro-americana e caribenha, como o Brasil, com sua vocação para o norte e para o sul; como todos e cada um, para não estender-me, nas múltiplas vocações. Víamos que, efetivamente, através da consolidação das relações de nossa especificidade tínhamos que voltar a esse sonho da unidade latino-americana e hemisférica que estava desde a própria origem, desde o próprio nascimento de nossa América Latina.

Trata-se, em um momento no qual a América Latina tenta reafirmar-se, de reafirmar-se também em consciência de um mundo que se transformou. Lembrávamos esta manhã uma frase extraordinária de um grande pensador integracionista chileno, Radomiro Tomic, quando dizia

que preferia localizar-se na vanguarda de um mundo que nasce e não nessa retaguarda de um mundo que morre e que deixa atrás de si as seqüelas de toda uma sociedade que não soube, que não pôde enfrentar-se aos "antivalores" da integração.

O Embaixador Rojas manifestava, acertadamente, como essa integração deve ter um inimigo, e esse inimigo hoje não é a bipolarização ou a busca de modelos democráticos autoritários ou totalitários; é a reafirmação da luta contra os "antivalores", é projetar, sim, um mercado, uma busca de um mercado econômico mas com um profundo conteúdo social que nos permita buscar as bases da luta contra esses "antivalores".

Ele falava da luta contra a fome, ele falava da luta contra o terrorismo, da luta contra a corrupção, da luta contra todos os mecanismos que impediram gerar uma sociedade mais harmônica e orientada para o desenvolvimento do homem. A reafirmação e a perfectibilidade dessa participação popular e democrática. Esse sonho é o que deve levar-nos, inclusive levando em conta a regras modernas de uma sociedade que vai para a globalização, mas que deve ter uma mensagem e um acento de profundo raizame solidário, que é o que fez nosso Continente, um Continente inspirado por grandes valores bolivarianos, martinianos e do pensamento de Artigas.

Nesse contexto, aqui, na Pátria de Artigas, quero manifestar que essa adaptação primeira da ALALC para a ALADI, que deu resposta às dificuldades que teve de enfrentar para desenvolver-se na projeção de um processo de integração, é novamente aquela que nos convoca hoje nesta encruzilhada, na qual efetivamente o âmbito, a mensagem, a projeção devem estar baseadas em ver como unimos estes esforços de círculos concêntricos para essa unidade latino-americana.

As vezes pareceria que estamos em vias diferentes, e hoje dizia, quando nos reunimos com os jornalistas na Chancelaria uruguaia, que embora estejamos procurando reafirmar nossa vocação para o sul das fronteiras da Venezuela com uma integração física, voltada com todos os avanços tecnológicos para uma floresta amazônica que parecia impenetrável e como vemos que as rodovias do norte da Venezuela levam para a fronteira do Brasil com uma cidade pujante como Santa Elena, que triplicou sua população em três anos, e como as rodovias entre Santa Elena e Boa Vista, e no próximo ano, entre Boa Vista e Belém vai gerando uma dinâmica que parecia um sonho de Julio Verne do Século XXI e hoje é uma realidade.

Temos que adaptar-nos a essa nova vocação; não é contraditório ter uma vocação andina a orientar-se para a andinidade, para o sonho andino, para o sonho bolivariano mas, ao mesmo tempo, complementar-se para o MERCOSUL, complementar-se para essa visão que se reafirmou como vocação que serve além das fronteiras do mercado do sul para criar uma verdadeira vocação setentrional que quer e deve integrar-se para o resto da América Latina como via clara, como via contundente para uma unidade hemisférica que vai além da mensagem da América Latina.

Esse papel da ALADI, hoje, que pode gerar os mecanismos de coordenação desses círculos concêntricos, essa ALADI que pode receber de maneira tão generosa como me receberam hoje, fazendo um alto no caminho para uma visita bilateral e dar a multilateralidade a esta visita, essa ALADI que deve receber aqueles que no SELA se reunirão em Montevideu daqui à algumas semanas e projetar juntos essa vocação concêntrica, essa identidade de somar esforços em um clube separado -e que certamente caracterizou a ALADI no passado- é o que deve animar-nos nesta encruzilhada para reafirmar esta vocação integracionista, para reafirmar esta fé na unidade latino-americana e em procurar que a mensagem não somente seja a integração dos comerciantes, porque nossa América Latina, apesar da importância do econômico, apesar do fundamental que é o técnico-econômico, tem que transcender. Se fôssemos projetar somente a América Latina dos comerciantes, uma espécie de versão contrario sensu da burocracia e não a vocação de uma América Latina solidária, estaríamos simplesmente criando as bases de um comércio importante, fundamental na sociedade atual mas não suficiente.

É essa criatividade é a que quero transmitir-lhes com muita admiração e terminar (não desejaria estender-me, abusando da gentileza de ser recebido aqui pelo Comitê de Representantes) afirmando que tal como os jovens daquele então víamos na ALALC como bandeira para a integração latino-americana, hoje os senhores têm o desafio, o desafio de fazer essa mudança que assinalava o Embaixador Rojas para novamente com fé, com entusiasmo, com militância latino-americana, ver as bases para colaborar com outras unidades nossa América Latina, para forjar toda essa condição nova que nos permita localizar-nos nessa vanguarda da qual falava Honrado Tomich.

Não sejamos essa retaguarda. A ALADI tem as bases, tem as condições, tem o capital histórico, tem toda a vocação para projetar-nos e somar outras regiões para criar essa unidade em solidariedade, essa unidade como sonho que forjaram desde o século passado aqueles que criaram em uma América Latina unida e aqueles que

hoje vêm um hemisfério e um âmbito planetário orientado por um bem comum universal em que todo o homem e todos os homens tenham uma melhor vida e uma melhor condição humana.

Muito obrigado, Senhor Presidente, muito obrigado, Senhor Secretário-Geral Ad Interim, Secretário-Geral Adjunto, Senhores Representantes, pela oportunidade de reafirmar-me. Parabéns pelo trabalho que os senhores realizam e quero agradecer-lhes mais uma vez, que me hajam recebido hoje.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Senhor Vice-Chanceler da Venezuela, Doutor Milos Alcalay, muito obrigado por suas palavras de estímulo que chegam em um momento no qual estamos passando algumas dificuldades e que com sua mensagem -que peço transmita a seus colegas- se lembrem um pouco de nós nas dificuldades financeiras que temos e que daqui a pouco lhe enviaremos uma nota de pedido.

Tem sido costume do Comitê de Representantes retribuir as visitas e cada uma das personalidades ilustres que nos visitam se levem uma lembrança nossa.

Esta medalha comemorativa de nosso aniversário é entregue a Vossa Excelência em nome de todos nossos companheiros do Comitê.

VICE-MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA REPUBLICA DA VENEZUELA (Milos Alcalay). Muito obrigado, Senhor Presidente.

PRESIDENTE. Obrigado.

- Aplausos.

Bem, senhores, concluído o ato, oferecemos um brinde ao Excelentíssimo Senhor Vice-Ministro da Venezuela.

VICE-MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA REPUBLICA DA VENEZUELA (Milos Alcalay). Muito obrigado, Senhor Presidente.

PRESIDENTE. Encerra-se a sessão.
